

**Português de 12.º ano**

**Educação Literária**

**José Saramago**

**O Ano  
da Morte  
de Ricardo Reis**

# História e Ficção

*[S]abemos que a História não só é **parcial** como é **parcelar**. [A]quilo que nos chega não são verdades absolutas, são versões de acontecimentos [...].*

- José Saramago



## Lisboa: cenário degradante

“O senhor doutor já teve ocasião de ver que espécie de gente é o povo deste país, **e mais estamos na capital do império**, quando no outro dia passou à porta do Século, **aquela multidão à espera do bodo**, e se quiser ver mais e melhor vá por esses bairros por essas paróquias e freguesias, veja com os seus olhos a distribuição da sopa, a campanha de auxílio aos pobres no inverno, iniciativa de tão singular beleza, como escreveu no telegrama o presidente da câmara do Porto, de boa lembrança, **e diga-me se não valia mais deixá-lo morrer, poupava-se o vergonhoso espetáculo do nosso mundo**, sentam-se na berma dos passeios a comer a bucha de pão e a rapar o tacho, nem a luz elétrica merecem, a eles basta-lhes conhecer o caminho que vai do prato à boca e esse até às escuras se encontra.”

## Camões, dimensão intertextual

“À tarde, ao regressar do almoço, reparou que havia ramos de flores nos degraus da estátua de **Camões**, homenagem das associações de patriotas ao épico, ao cantor sublime das virtudes da raça, para que se entenda bem que não temos mais que ver com a apagada e vil tristeza de que padecíamos no século dezasseis, hoje somos um povo muito contente, acredite, [...]”

Cap. 16

Ocultação do poder / desocultação no romance

## As faces da realidade: 1935/1936

### Lisboa, 16 anos depois:

- Degradação, sujidade, miséria, sobrevivência através da caridade alheia (Cap. 3, Cap. 12)
- Crime, prostituição (Cap. 7)
- Medo, repressão e ordem pública (Cap. 8)
- Lisboa cercada por uma ditadura interna e várias externas

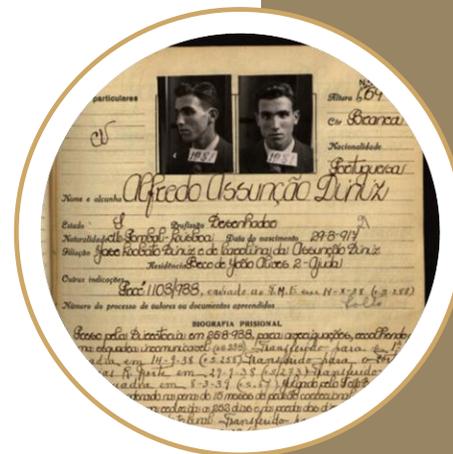
***versus***

- Lisboa cosmopolita: jardins, cafés imponentes e teatros restaurados
- Propaganda; parcialidade da imprensa (Cap. 4)
- Elites privilegiadas (Cap. 6)



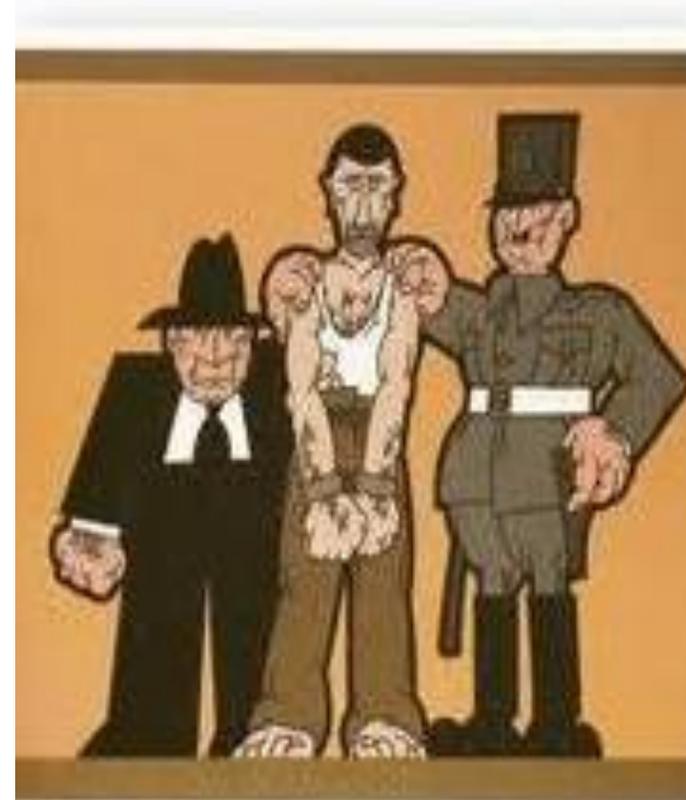
## PVDE

“É na manhã de quarta-feira que **vêm trazer uma contrafé a Ricardo Reis**. Levou-lha o próprio Salvador, em mão de gerente, dada a **importância do documento e a sua proveniência, a Polícia de Vigilância e Defesa do Estado**, entidade até agora não mencionada por extenso, calhou assim, hoje está calhando o contrário, **não é por não se falar das coisas que elas não existem**, [...]. Uma contrafé, para mim, com razão se espanta Ricardo Reis, [...]. Mais do que o papel, em que ainda não pegou, **inquieta-o a expressão de Salvador**, a mão dele que parece tremer um pouco, [...].”



## PVDE

“Já todo o pessoal do hotel sabe que o hóspede do duzentos e um, o doutor Reis, aquele que veio do Brasil há dois meses, foi chamado à polícia, alguma ele teria feito por lá, ou por cá, quem não queria estar na pele dele bem eu sei, ir à PVDE, vamos a ver se o deixam sair, contudo, se fosse caso de prisão não lhe tinham mandado a contrafé, apareciam aí e levavam-no. Quando ao princípio da noite Ricardo Reis descer para jantar, [...] verá como o vão olhar os empregados, como subtilmente se afastarão dele, **não procede Lídia desta desconfiada maneira**, entrou no quarto mal Salvador acabara de descer ao primeiro andar, [...].”



# PVDE: o interrogatório

## Estratégias de intimidação:

- A longa espera
- O silêncio
- A ironia do diálogo entre homens, “Nem sabe o que o espera [...]”
- A presença de um polícia, caso seja “necessária” a sua intervenção
- Gestos calculados
- Perguntas fechadas e intimidadoras – “Responda só ao que pergunto”, “mera conversa”
- Valorização do governo de Salazar
- Negação da possibilidade de Reis contratar um advogado: “Os advogados não entram nesta casa.”
- Prepotência: “Nem precisa saber, levante as mãos ao céu por tudo ter acabado bem.”



**Representações do  
amor no romance**

---

**Lídia, a criada**

## Ricardo Reis e Lídia Martins

“Levantou-se bruscamente, e, mesmo às escuras,[...] foi soltar o trinco da porta, depois encostou-a devagar, parece fechada e não está, [...]. Tornou a deitar-se, **isto é uma criancice, um homem, se quer uma coisa, não a deixa ao acaso, faz por alcançá-la**, haja vista o que trabalharam no seu tempo os cruzados, espadas contra alfanges, morrer se for preciso, e os castelos, e as armaduras, depois, sem saber se ainda está acordado ou dorme já, pensa nos cintos de castidade de que os senhores cavaleiros levaram as chaves, **pobres enganados, aberta foi a porta deste quarto, em silêncio, fechada está**, um vulto atravessa tenteando, pára à beira da cama, a mão de Ricardo Reis avança e encontra uma mão gelada, puxou-a, Lídia treme, só sabe dizer, Tenho frio, e ele cala-se, está a pensar se deve ou não beijá-la na boca, **que triste pensamento.**”

## Magnanimidade

“Se quer que eu vá ter consigo quando tiver a sua casa, nos meus dias de saída, Tu queres, **Quero**, Então irás, até que, **Até que arranje alguém da sua educação**, Não era isso que eu queria dizer, **Quando tal tiver de ser, diga-me assim Lídia não voltes mais a minha casa, e eu não volto**, As vezes não sei bem quem tu és, **Sou uma criada de hotel**, Mas chamas-te Lídia e dizes as coisas duma certa maneira, [...].

Cap. 9

“Se a casa tem estado fechada, há-de precisar de ser limpa, eu vou lá, Que ideia. arranjo alguém ali do bairro, **Não consinto, tem-me a mim, não precisa de chamar outra pessoa**, És uma boa rapariga, Ora, sou como sou, e esta frase é das que não admitem réplica, **cada um de nós devia saber muito bem quem é, pelo menos não nos têm faltado conselhos desde os gregos e latinos, conhece-te a ti mesmo, admiremos esta Lídia que parece não ter dúvidas.**”

Cap. 10

# Erotismo

“Foi um dia de grandes trabalhos para Lídia. [...] Ouve passos na escada, a chave a entrar na fechadura, é Ricardo Reis que no corredor vem dizendo jovial, Isto é como entrar no paraíso dos anjos. [...]

Não olhe para mim, é a primeira vez que assim está diante dele, Vá-se embora, deixe-me vestir, e di-lo em voz baixa, ansiosa, **mas ele sorri, um tanto de ternura, um tanto de desejo, um tanto de malícia, e diz-lhe, Não te vistas, enxuga-te só, [...].**”

Cap. 12



## A coscuvilhice das vizinhas

“No andar de baixo, **alcandorada em dois bancos altos de cozinha, sobrepostos, com risco de queda e ombro deslocado**, a vizinha tenta decifrar o significado dos ruídos confusos, como um novelo de sons, que atravessam o teto, tem a cara vermelha de **curiosidade e excitação**, os olhos brilhantes de vício reprimido, **assim vivem e morrem estas mulheres**, querem vocês ver que o doutor e a fulana, [...]. Meia hora mais tarde, quando Lídia saiu, a vizinha do primeiro andar não ousou abrir a porta, **até mesmo o descaramento tem limites**, contentou-se com espreitá-la, **felina e olho-de-falcão, pelo ralo**, [...]. Ricardo Reis, lá em cima, na sua cama, fecha os olhos, [...] rolou o corpo para o lugar que Lídia ocupara, estranho cheiro este, comum, de animal estranho, não de um ou do outro, mas de ambos, **emudeçamos nós, que não somos parte.**”



## Determinação/alheamento

“[A]gora Lídia volta-se para Ricardo Reis e ele para ela, o braço de um sobre o corpo do outro, ele torna a dizer, Não foi nada, e ela sorri, mas a expressão do olhar tem outro sentido, vê-se bem que não está a pensar no abalo de terra, ficam assim a **olhar-se tão distantes um do outro, tão separados nos seus pensamentos**, como logo se vai ver quando ela disser, de repente **Acho que estou grávida, tenho um atraso de dez dias.** [...] Que foi que disseste, **Tenho um atraso, acho que estou grávida**, dos dois o mais calmo é outra vez ela, há uma semana que anda a pensar nisto, [...] Ele espera que ela faça uma pergunta, por exemplo, Que hei-de fazer, mas ela continua calada, quieta, [...] **Ricardo Reis procura as palavras convenientes**, mas o que encontra dentro de si é **um alheamento, uma indiferença**, assim como se, embora ciente de que é sua obrigação contribuir para a solução do problema, **não se sentisse implicado na origem dele**, tanto a próxima como a remota [...]. Lídia mete-se adiante e responde, **Vou deixar vir o menino.**”

## Exceccionalidade de Lídia

“Puxou-a para si, e ela veio como quem enfim se protege do mundo, **de repente corada, de repente feliz**, perguntando como uma noiva tímida, **ainda é o tempo delas**, **Não ficou zangado comigo**, Que ideia a tua, por que motivo iria eu zangar-me, **e estas palavras não são sinceras**, justamente nesta altura se está formando uma grande cólera dentro de Ricardo Reis, **Meti-me em grande sarilho**, pensa ele, **se ela não faz o aborto, fico para aqui com um filho às costas, terei de o perfilhar, é minha obrigação moral, que chatice, nunca esperei que viesse a acontecer-me uma destas**. Lídia aconchegou-se melhor, quer que ele a abrace com força, por nada, só pelo bem que sabe, **e diz as incríveis palavras**, simplesmente, sem nenhuma ênfase particular, **Se não quisesse perfilhar o menino, não faz mal, fica sendo filho de pai incógnito, como eu.**”

## Lídia busca conforto e apoio

“Não volto aqui, dissera Lídia, e é ela quem neste momento bate à porta. [...] Ricardo Reis foi abrir, [...]. Lídia tem os olhos vermelhos e inchados, [...] **Desculpe, senhor doutor, não tenho podido vir**, mas quase sem transição emendou, **Não foi por isso, pensei que já não lhe fazia falta**, tornou a emendar, **Sentia-me cansada desta vida**, e tendo dito ficou à espera, pela primeira vez olhou de frente para Ricardo Reis, achou-o com um ar envelhecido, **estará doente**, Tens-me feito falta, disse ele, e calou-se, dissera tudo o que havia para dizer. [...] Por que é que não te sentas, e depois, Conta-me o que se passa, **então Lídia começa a chorar baixinho**, É por causa do menino, pergunta ele, e ela acena que não, **lança-lhe mesmo, em meio das lágrimas, um olhar repreensivo**, finalmente desabafa, [...].”

## A revolta dos marinheiros

“**É por causa do meu irmão.** Ricardo Reis lembra-se de que o Afonso de Albuquerque regressou de Alicante, [...] O teu irmão desertou, ficou em Espanha, O meu irmão veio com o barco, Então, **Vai ser uma desgraça, uma desgraça,** Ó criatura, não sei de que estás a falar, explica-te por claro, É que, interrompeu-se para enxugar os olhos e assoar-se, **é que os barcos vão revoltar-se, sair para o mar,** Quem to disse,”

Cap. 19



“Foi o Daniel em grande segredo, mas eu não consigo guardar este peso para mim, tinha de desabafar com uma pessoa de confiança, pensei no senhor doutor, em quem mais havia de pensar, não tenho ninguém, a minha mãe não pode nem sonhar. **Ricardo Reis espanta-se por não reconhecer em si nenhum sentimento**, talvez isto é que seja o destino, sabermos o que vai acontecer, sabermos que não há nada que o possa evitar, **e ficarmos quietos, olhando, como puros observadores do espetáculo do mundo, [...].”**

Cap. 19



# Relações amorosas: Lídia Martins

- **Ricardo Reis:**

- ausência de compromisso; hesitação e falta de verdade; incapacidade de amar; incapacidade de agir

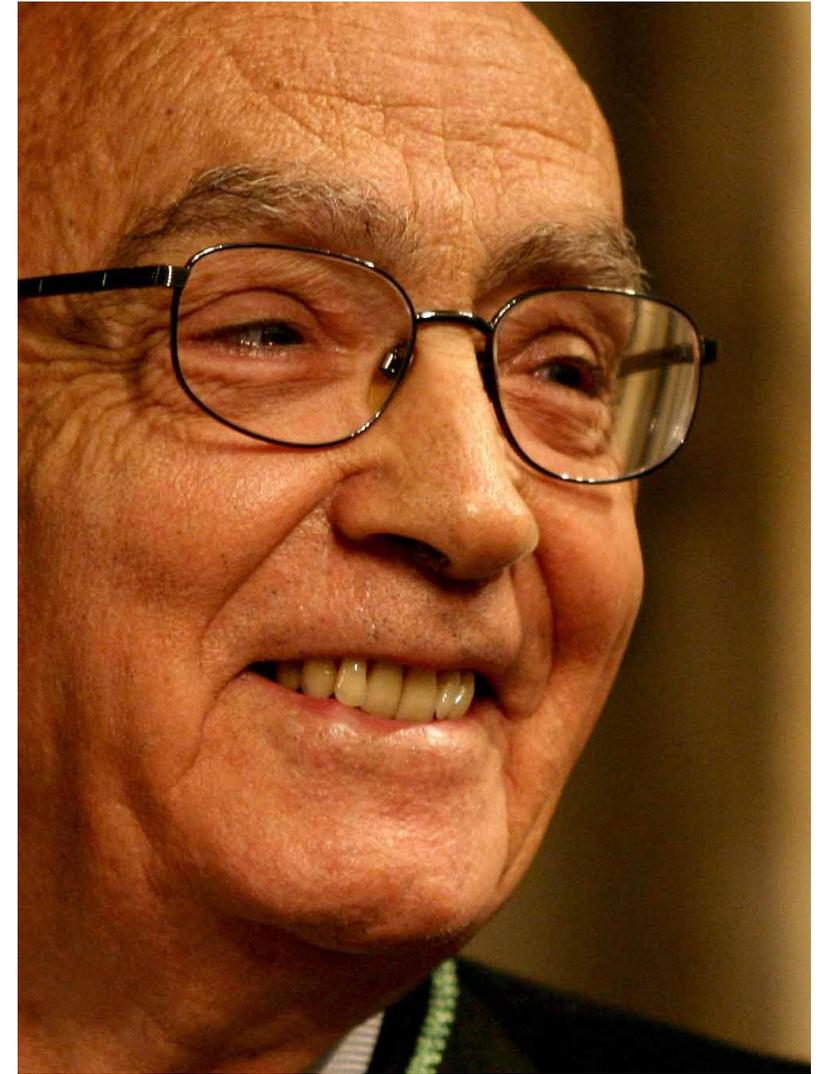
- **Excepcionalidade de Lídia, a criada:**

- simplicidade e grandeza
- amor incondicional, desinteressado, pleno
- verticalidade; bondade; altruísmo
- não indiferença: preocupação pelo “outro” (Reis, o irmão, a mãe)
- entrega; ação

**Exaltação dos humildes**

## Crítica social

- A falta de respeito pela mulher
- A mentira ou fingimento na relação amorosa
- A paternidade não assumida dos filhos, pelas elites, sobretudo em contextos económicos desfavorecidos
- A indiferença pelos sentimentos do “outro”



## Para refletir...

“O problema não está em ser diferente. Está em que, quando falamos de diferenças, de seres distintos, introduzimos involuntariamente um outro conceito, **o de superioridade e o de inferioridade**. Aí é que as coisas se complicam.”

- José Saramago

